

## Na Mídia

13/03/2020 | [IstoÉ Dinheiro](#)

## Pandemia dos mercados

Ernani Fagundes



© Reuters/Andrew Kelly

Se existia uma bolha de valorização na bolsa brasileira quando o Ibovespa atingiu a máxima de 119.528 pontos, em 23 de janeiro deste ano, ela evaporou em menos de dois meses. Do pico para mínima de 72.026, no segundo circuit break da quinta-feira 12, a desvalorização foi de 39,7%, provocando mais de R\$ 1 trilhão em perdas de valor de mercado só no Brasil. Com a suspensão de voos para a Europa por causa da pandemia do coronavírus, ordem dada pelo presidente norte-americano Donald Trump, na noite de quarta-feira 11, as bolsas de Nova York, na manhã da quinta-feira, também acionaram o circuit break, o botão de pânico que suspende as negociações para os investidores se acalmarem e refletirem sobre a realidade dos preços. Até o fechamento desta edição, o índice Dow Jones mostrava queda de 8,6% e a Nasdaq caía 7,56%. No Brasil, o Ibovespa afundava 17,15%, aos 70.602 pontos às 13 horas.

Para Rafael Ribeiro, analista de gráficos da Clear Corretora, quando o Ibovespa perde a faixa entre 82 mil e 85 mil pontos, o próximo piso ou suporte é o patamar de 70 mil pontos. “Nunca se sabe quando é o fundo do poço, mas 70 mil pontos é suporte importante. Já para cima há uma resistência nos 91 mil pontos, mas a marca dos 100 mil pontos é a chave para começar o mercado a recuperar as perdas”, afirma. Já Gustavo Bertotti, economista e head de renda variável da Messem Investimentos, lembra que em epidemias anteriores da SARS e do H1N1, os mercados se recuperaram rapidamente após três ou quatro meses de volatilidade. “Tudo vai depender da propagação do vírus, mas aumentaram muitos os casos na Europa, com quarentenas na Itália e restrições de atividades em outros países. A única boa notícia é que a contaminação diminuiu na China. E todos sabemos da importância disso para os mercados”, destaca Bertotti.



© Kevin David Ladeira abaixo Índice da bolsa de valores brasileira acompanhou tendência dos mercados globais e desabou na semana.

Segundo Gustavo Cruz, estrategista da RB Investimentos, o momento exige cautela. “Essa questão do coronavírus não vai durar mais que o primeiro semestre. É preciso saber qual é seu perfil de investimento, ter isso bem definido. Se for moderado, fundos multimercados com proteção são um caminho. Já para quem é mais ligado ao risco, este é um momento de oportunidades”, afirma o estrategista.

**FRUSTRAÇÃO E IPOS** Na visão de Marcos Ross, economista sênior da XP Investimentos, além da pandemia do coronavírus que impacta na economia global, no caso do Brasil, há desconfiança na questão fiscal e uma frustração com o baixo crescimento e com a falta de continuidade das reformas. “O nível de stress entre os três poderes, a perda de liderança (do Executivo) e falta de andamento das reformas administrativa e tributária, do marco do saneamento, e da PEC Emergencial provocam essa frustração”, diz. Ele explicou que isso se reflete no câmbio e na bolsa de valores. “O Brasil, por ter um mercado mais líquido, acaba sofrendo mais do que outros emergentes”, observa, destacando que o real é uma das moedas com maior desvalorização. “Quanto ao fluxo de saída da bolsa, por enquanto, acaba sendo compensado pela entrada de investimento estrangeiro direto. Mas, a persistir esse crescimento baixo, isso poderá afetar o investimento estrangeiro direto mais para frente”, diz.



© Divulgação

Diante da semana caótica nos mercados, a fila de ofertas iniciais de ações (IPOs) com 19 pedidos de análise na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) em 2020, teve o primeiro anúncio de adiamento, a da Caixa Seguridade, que postergou sua operação em três meses. **“Os IPOs não têm sido cancelados. O que está em discussão é qual será o melhor momento para a oferta ser precificada. A janela de mercado é para o final de junho e julho, mas algumas maiores tendem a ser postergadas para depois das férias no Hemisfério Norte, num cenário, que se acredita, de menor volatilidade”, afirma Thiago Giantomassi, sócio da área de M&A e mercado de capitais do escritório Demarest.**

Enquanto os investidores de curto prazo são impactados pelo noticiário negativo, em evento da Bloomberg voltado para family offices (escritórios financeiros de famílias milionárias), realizado na última segunda-feira 9, em São Paulo, muito se discutiu sobre investimentos alternativos para o horizonte de longo prazo. “Testamos os limites de perfil de cada família para entender a real necessidade de liquidez. Nos juros, chegamos próximos da realidade do mundo, portanto, a melhor alternativa são instrumentos mais sofisticados e com mais riscos”, declara Juliana Pagetti, sócia da Tera Capital. Já para Rafal Fritsch, da Canvas Capital, o cenário exige que o investidor possa abrir mão de liquidez para obter mais ganhos. “No crédito corporativo, há papéis que garantem DI+6%, DI+7% e até DI+8%, mas só com resgate a partir de D+360 dias (um ano), para fazer a alocação com mais calma”, observa Fritsch.



© Fepesil ESPERANÇA DE UMA VACINA: Mercado espera uma notícia positiva para que os preços dos ativos voltem à normalidade